

Criatividade da clínica psicanalítica com estados primitivos: contribuições do PRISMA para a exploração das mudanças psíquicas na infância e na adolescência¹

Fátima Maria Vieira Batistelli^{**}, São Paulo
Alicia Beatriz Dorado de Lisondo^{***}, São Paulo
Maria Cecília Pereira da Silva^{****}, São Paulo
Maria Lúcia Gomes de Amorim^{**}, São Paulo
Mariângela Mendes de Almeida^{**}, São Paulo
Maria Thereza de Barros França^{****}, São Paulo
Marisa Helena Leite Monteiro^{*****}, Rio de Janeiro
Regina Elisabeth Lordello Coimbra^{****}, São Paulo

Partindo do corpo da Clínica, com suas nuances e particularidades, para o campo ampliado da pesquisa, procuramos, nesse trabalho, contribuir para o desenvolvimento da abordagem psicanalítica dos estados primitivos da mente, enfatizando o aspecto da criatividade na relação analista-paciente, no desenvolvimento do paciente, nos recursos da analista e nos instrumentos clínicos que surgem dessa prática, constituindo recursos criativos na relação analítica. Quem nos conduz ao longo do artigo é

¹ Esse trabalho recebeu o prêmio Zaira de Bittencourt Martins, edição de 2021.

^{**} Membro associado da Sociedade Psicanalítica de São Paulo (SBPSP).

^{***} Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de São Paulo (SBPSP), analista didata e analista de crianças, adolescentes e adultos, docente e co-fundadora do Grupo de Estudos Psicanalíticos de Campinas (GEP-Campinas). Filiada à *International Psychoanalytic Association* (IPA).

^{****} Membro efetivo da Sociedade Psicanalítica de São Paulo (SBPSP), analista didata do Centro de Formação em Psicanálise Clínica (CFPC).

^{*****} Membro convidado da Sociedade Psicanalítica de Rio de Janeiro (SBPRJ).

Laurinha, uma menina com autismo que, desde os 3 anos e 6 meses em atendimento, expande seus recursos criativos na relação analítica. Foram pacientes como Laurinha que nos inspiraram a criar o PRISMA, uma ferramenta clínica psicanalítica. Com a possibilidade de mapear a evolução dos estados mentais primitivos, o Protocolo de Investigação Psicanalítica de Sinais de Mudanças no Autismo foi constituído com base nas seguintes categorias: Senso de Interesse em Pessoas e Objetos, Interação Compartilhada, Integração Sensorial, Constituição do Espaço Interno, Capacidade Simbólica e Campo Transferencial, a partir dos movimentos mais rudimentares às possibilidades de integração e expressão da singularidade. Por meio dessa interface clínica/pesquisa, acreditamos ser possível demonstrar à comunidade a eficácia do tratamento psicanalítico para promover mudanças psíquicas e fomentar a criatividade.

Palavras-chaves: Criatividade; Psicanálise com crianças; Pesquisa psicanalítica; Autismo; Estados Mentais Primitivos

Introdução

Criatividade e mudança psíquica na psicanálise

A criatividade é um assunto que interessa à psicanálise desde o seu início e, muitas vezes, acaba vinculando-a não só à criação artística e seus significados, às manifestações culturais, mas também às atividades lúdicas das crianças. Freud relaciona a criatividade com a sublimação, mas também a relaciona com o brincar.

Ele indaga se seria possível reportar à infância os primeiros traços de atividade imaginativa, e equipara as crianças que brincam, criando e organizando seu mundo da forma como lhes agrada, aos escritores criativos (Freud, 1908/1972).

Para Klein (1940/1981), a criatividade está relacionada à posição depressiva e à reparação: uma busca para restaurar o objeto primário destruído, quando o trabalho de luto é possível. E a brincadeira infantil também envolveria, entre outras coisas, essa busca.

Para Winnicott (1971/2019), o ato de brincar em si mesmo é visto não apenas como criativo, mas também terapêutico para quem brinca, seja ele adulto ou criança.

Ele considera que a criatividade tem papel central na constituição do ser humano, e é interessante observar como diferencia arte de criatividade, chamando a atenção para o fato de que o ato criativo é um fenômeno universal e pode ser

observado no paisagismo de um jardim, no modelo de um vestido, no estilo de um penteado e até mesmo em uma refeição caseira.

Ainda segundo Winnicott, a criatividade teria início com a primeira experiência do bebê e a ilusão de que ele *concebe e cria o mundo* seria intensificada no *espaço potencial*, na experiência da transicionalidade e na capacidade de brincar. Seu conceito de espaço transicional possibilita que a criatividade exista como fenômeno pessoal, ou mesmo compartilhado.

Em relação à psicoterapia, aponta que ela ocorre na confluência de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta, ao brincarem juntos. Dessa forma, a criatividade não é algo que pode ser ensinado, mas sim facilitado às crianças, pacientes e terapeutas. Na sua opinião, o brincar tem um tempo, mas principalmente um lugar: entre realidade e fantasia, entre o ser e o fazer, favorecendo o desenvolvimento (Winnicott, 1971/2019).

Winnicott aborda questões técnicas muito atuais e relativas ao trabalho de crianças com falhas significativas no seu desenvolvimento simbólico, que vêm de encontro a algumas ansiedades que nos tocam enquanto analistas de crianças. Por exemplo:

Como trabalhar com crianças com autismo, quando o brincar está comprometido ou até ausente? Elas podem manipular brinquedos ou utilizar o corpo em movimentos como correr, pular, sem que isso constitua um brincar verdadeiro, mas sim uma exploração apenas da gratificação sensorial, o que poderia interferir no desenvolvimento mental e emocional. Geralmente são repetições rígidas e estereotipadas. Nestes casos, cabe ao analista utilizar a sua própria criatividade e capacidade de brincar, com o objetivo de proporcionar um espaço suficientemente bom a partir do qual o *self* e consequentemente o brincar possam emergir como uma realização criativa – *um gesto espontâneo*, um passo no desenvolvimento (Winnicott, 1960 citado por Rodman, 1990).

Bion (1967, 1977, 1987, 2018) sustenta a importância da criatividade na técnica analítica e no crescimento psíquico do paciente. O analista, com a capacidade negativa de Keats, ao abrir mão da memória, do desejo e da compreensão, fica mais livre para fazer conjecturas imaginativas e especulativas. A intuição é uma forma preciosa, direta e imediata de conhecimento da experiência emocional. A criatividade dá coragem para enfrentar mudanças catastróficas e assumir riscos na exploração do desconhecido. É um antídoto para o fanatismo, para o tédio, para a repetição e para a paralisia mental e científica.

Ilustração clínica: criando e recriando o mundo com Laurinha

Laurinha chega para análise com 3 anos e 6 meses. Na ocasião, ela não tinha linguagem verbal, não respondia quando chamada, não brincava e parecia não perceber a presença da analista, de tão aprisionada que estava em seu mundo autístico.

No início, Laurinha demonstra interesse por poucos brinquedos, sempre os mesmos, e faz uma atividade extremamente repetitiva com eles; posiciona-se de costas para a analista, refratária a qualquer tipo de abordagem.

Depois de um tempo, ela descobre um tanque de água que está no terraço da sala e mexe na água, enche o balde, entra nele. Para isso, Laurinha tira toda a roupa e deita-se no chão molhado, em uma atividade global de exploração sensorial. Ela não olha para a analista, só a procura com as mãos se o reservatório ficar vazio, possivelmente esperando vê-lo cheio novamente.

Por fim, nas sessões, apresenta atividades “dominadas pelas sensações”, com predomínio da auto sensualidade, aprisionada em um “funcionamento superconcreto”, “sem consciência da própria humanidade ou da de outras pessoas” (Tustin, 1986/1990, p. 32), ignorando e quase excluindo a presença da analista.

É assim que Laurinha, e muitas crianças com autismo, vêm até nós. Poderíamos dizer que se apresentam sem ter ainda desenvolvido possibilidades básicas de relacionamento humano, sem um mundo simbólico para compartilhar.

Poderíamos falar de criatividade associada à singularidade e à autoexpressão, antes mesmo que a expressão simbólica para o compartilhamento tenha sido alcançada? Nosso trabalho com os estados primitivos propõe e demanda instrumentos psicanalíticos que possam acessar rudimentos e nuances incipientes do funcionamento simbólico em suas sutis gradações e evoluções mobilizadas pelo encontro possível (Batistelli e Amorim, 2014). A criatividade está presente nas interações que se formam entre analista e paciente. Surge nas alternativas e caminhos construídos juntos para nos comunicarmos, no arcaico que busca expressão única e se reflete nas ferramentas que criamos para acessar novos caminhos.

Nas últimas décadas, a psicanálise com pacientes dentro do espectro do autismo passou por grandes transformações. Sempre mantendo os pilares da teoria e da técnica psicanalítica, buscou aportes de áreas do conhecimento vizinhas (como a neurociência e a psicologia do desenvolvimento) a fim de ampliar tanto a compreensão dos fenômenos autísticos quanto o seu poder terapêutico. No entanto, tais mudanças não foram assimiladas pela comunidade científica em geral, havendo grande desconhecimento das tendências mais modernas da psicanálise dos

transtornos do espectro do autismo, que não se limitam a buscar as raízes do trauma ou interpretar conflitos e transtornos, mas dão extrema importância à promoção de novas oportunidades para a criança encontrar o parceiro humano, ampliando sua tolerância para a alteridade, contra a tendência da criança com autismo de circunscrever o humano e sua imprevisibilidade ao inanimado completamente previsível.

Início do tratamento e evolução

Quando Laurinha inicia a análise, ela não fala: mal articula alguns sons aparentemente sem sentido, em geral com seu olhar *perdido*, como se não estivesse olhando para nada. Nas primeiras sessões ela vagueia pela sala, não parece interessada em conhecer o espaço, não há curiosidade, não há intenção. Toca alguns objetos da sala, dentro da caixa, leva-os à boca e não reage à tentativa da analista de interagir com ela.

Depois de algum tempo, inicia uma atividade com alguns brinquedos: Laurinha joga-os para fora da mesa, soltando um grito quando eles se espalham caindo ao chão. Repete essa cena muitas e muitas vezes, sessão após sessão. A analista tenta se aproximar fisicamente de Laurinha que, sem olhar para ela, diz: “não”. Uma única palavra pronunciada com clareza. Em seguida, a analista fica atenta, a uma distância que a menina considera segura entre ambas, e aí, de seu lugar, fala sobre o que aquela cena lhe sugere. Fala da queda, do sofrimento, do choro doloroso. A analista fala com Laurinha sobre as emoções e, assim, oferece-lhe a experiência de estar ali, disponível para a criatividade conjunta, tentando encontrar caminhos.

Após algum tempo neste ritual, Laurinha descobre o tanque de água no terraço da sala e a atividade é alterada. A analista então tenta dar uma atmosfera diferente à experiência sensorial de Laurinha com a água, passando a chamá-la a atenção para a mão molhada ou para a marca que seus pezinhos molhados deixam no chão. Imprime a marca dos próprios pés e mãos ao lado dos da menina. Nomeia as partes do corpo que estão molhadas, diferenciando-as daquelas que permanecem secas. Faz musiquinhas que falam da água, do prazer de se molhar. Laurinha lentamente vai se interessando por essas conversas da analista, expressão de sua capacidade imaginativa, e começa a interagir com ela. A menina direciona o olhar enquanto canta, aponta as marcas d'água que seu corpo deixa no chão ou a sombra que se projeta na parede. Essa abertura criativa conquistada também se

estende para fora da sala de análise, pois Laurinha passa a ir ao encontro da analista quando ela a chama, e arrisca cada vez mais olhares em sua direção.

Agora, ao entrar na sala de análise, retira seus sapatos e os da analista. Tira os insetos de plástico da caixa e brinca com eles dentro dos sapatos da analista, que se transformam em aviões ou carros, meios de transporte que a analista descobre pelo som que Laurinha faz com eles, continentes do florescimento de uma experiência simbólica. Outras vezes, ela calça os sapatos da analista e põe-se a andar pela sala. *Caminhar* seus passos a partir dos *envelopes de base* da analista, de uma *pele*/ capacidade imaginativa da analista hospedando brincadeiras e criações, leva-a a explorar criativamente espaços ampliados e a sentir-se capaz, neste crescente senso de agência, de autoria.

Surge um novo impasse: Laurinha não quer sair ao final das sessões. Chora muito, agarra o pescoço da analista, tenta bater, morde. A analista sustenta a situação, falando calmamente sobre a raiva e a dor que sentimos ao nos despedirmos e, em seguida, carregando-a nos braços até a mãe. Essa situação pode ser entendida como uma pequena evolução, pois, paradoxalmente, como assinala Tustin (1986/1990), quando uma criança autista começa a ter acessos de raiva, é um sinal de que está se recuperando.

Por meio dessa vivência com Laurinha, é possível perceber o quanto aquela menina precisou ser convocada para viver uma experiência de proximidade, de semelhança e similitude, (a partir de uma fusão inicial?), para posteriormente poder vivenciar separação, perda, dor e raiva, e assim se sentir protegida, ao invés de vivenciar quedas ininterruptas, como ocorria no início do trabalho analítico, com os brinquedos jogados da mesa.

Além disso, a experiência criativa com a analista significa que a criatividade também *pertence a ela*, faz parte de seu ser e o constitui. Laurinha parece assustar-se com a separação, teme *perder* essa experiência de integração recém-adquirida.

A partir daí, as vivências na sala de análise também são permeadas por emoções e não apenas pela sensorialidade. Laurinha passa a pegar um cobertor de lã que fica no divã e, durante algumas sessões inteiras, permanece toda coberta, embaixo do cobertor, no colo da analista, apoiando a orelha em seu peito, provavelmente para ouvir os batimentos cardíacos e o ritmo da respiração da analista.

Essas sessões são intercaladas com brincadeiras na água, só que agora são os brinquedos que entram no balde, pulam e nadam, enfim, dá para ver o nascimento de um jogo simbólico. Dessa forma, Laurinha vai ampliando a linguagem: começa a falar mamãe e papai, chamando a analista às vezes de um ou de outro. Arrisca o nome de alguns brinquedos. E tudo isso ocorre sem que a analista precise lhe

ensinar tais palavras. Elas estavam lá, esperando um lugar dentro de Laurinha e dentro da analista para poder emergir.

Depois de um tempo, Laurinha não fica mais sob o cobertor, mas deita-se nas pernas da analista. Leva os brinquedos para esse local e brinca: os cachorros de plástico se encontram, correm, pulam, enfim, ganham vida, assim como a menina. Depois de um tempo, essa brincadeira no colo da analista cessa e a manta é estendida entre o divã e a poltrona. Ela brinca em uma cabana que ali se forma, ainda aos pés da analista. Aos poucos, Laurinha vai ganhando espaço, os novos continentes e seu vocabulário passam a crescer cada vez mais, apesar de, por um tempo significativo, a analista ser chamada de mãe e/ou pai. A mãe relata que, na escola, Laurinha já acompanha as atividades das aulas, fazendo-se compreender por meio da linguagem, ainda precária, mas eficiente.

Laurinha: puberdade e adolescência

Quatro anos depois, Laurinha já escreve e inventa muitas histórias, pedindo à analista que escreva por ela para que possam compor um livro. Aprecia muito histórias e livros. São experiências compartilhadas no espaço potencial da análise. Dessa forma, na entrada da puberdade, os brinquedos são abandonados e os livros juvenis passam a ser o material usado nas sessões. Laurinha pede para ler junto com a analista, uma página cada uma, ambas lado a lado no divã. Histórias sobre primeiro amor, intriga entre colegas, sentimentos diversos. Laurinha sempre usava essas histórias para compartilhar com a analista suas vivências na escola e suas dúvidas em relação a se sentir inserida em um mundo mais jovem e de novos desafios: namoro, sexualidade, amigos.

A história de Laurinha continua em progressão. Os livros são abandonados e, agora, as histórias são aquelas que ela mesma vive. Assim, a partir dessas bases incipientes, aqui cuidadosamente acompanhadas, Laurinha trilha um caminho de interesse pelas relações com as pessoas como parte de seu cotidiano e de sua formação até a faculdade.

Laurinha demonstra a possibilidade de desenvolver laços que a acompanhem em um percurso de novas aprendizagens, sejam elas sociais, emocionais ou ligadas à comunicação verbal, escrita e simbólica, ampliadas a partir do que foi construindo pouco a pouco, desde pequena, em transferência com a analista. Em sua adolescência, Laurinha evidencia ter constituído identificações importantes que a aproximaram de escolhas baseadas nas interações, com as quais se surpreendeu positivamente, valorizando parcerias, companhias de percurso afetivo e vivências

Fátima Maria Vieira Batistelli et al.

compartilhadas (namorado). Significativamente, opta pela área das ciências humanas em sua formação universitária profissional. Valoriza suas experiências pessoais, em várias nuances emocionais, reconhecendo um espaço interno próprio de onde emanam suas narrativas sobre si mesma e sobre seus movimentos nas relações. Mostra iniciativa e entusiasmo pelas novas conquistas, compartilhando com a analista tanto a sua satisfação quanto também as ansiedades emergentes neste processo. Ainda se sente insegura, muitas vezes, ao encarar de frente, de imediato, o desafio do traquejo social, do olhar nos olhos. Nestes momentos, busca a *cabaninha* do recolhimento. Nossa aposta é que lá, nesse lugar, Laurinha ainda encontre, em sua matriz, o registro do encontro analítico que a acompanha no contato com suas vulnerabilidades e singularidades, em contínuas e ainda futuras possibilidades de desenvolvimento genuíno.

A contribuição do PRISMA psicanalítico à exploração criativa dos estados primitivos: nuances da clínica construindo um instrumento de pesquisa

Partindo do *corpo* da clínica, aqui bem ilustrado com a evolução de Laurinha, em seus matizes e particularidades, para o campo da investigação, procuramos criar um instrumento que contribuísse para o desenvolvimento da psicanálise por meio do trabalho com os estados primitivos da mente.

Nessa interface entre clínica e pesquisa, acreditamos ser possível demonstrar à comunidade a eficácia do tratamento psicanalítico na promoção de mudanças psíquicas.

Apoiado por recursos da *International Psychoanalytic Association* (IPA), com interesse em expandir e divulgar pesquisas na área da psicanálise, nosso grupo desenvolveu a pesquisa *Transtorno do espectro do autismo em crianças e tratamento psicanalítico: definindo o desenvolvimento emocional e avaliando resultados*, que levou à formulação do Protocolo de Investigação Psicanalítica de Sinais de Mudanças no Autismo (PRISMA), para mapear a evolução de estados autísticos para estados relacionais e demonstrar, com evidências clínicas, a eficácia dessa abordagem.

A partir da exploração detalhada do material das sessões de análise, seis categorias foram constituídas por serem consideradas suficientemente informativas e integrativas para descrever as mudanças ao longo do processo psicanalítico: *senso de interesse por pessoas ou objetos; interação compartilhada; integração sensorial; constituição do espaço interno; capacidade simbólica e campo transferencial*.

O desenvolvimento de nossa pesquisa inclui intercâmbios com profissionais de várias partes do mundo, vinculados à pesquisa e ao trabalho clínico com estados primitivos. Estes consultores acompanham-nos, em diálogo criativo, no constante desafio de aprofundar os paralelos existentes entre a prática clínica psicanalítica e a busca de instrumentos de pesquisa e de demonstração da abrangência dessa prática.

O PRISMA continua a ser refinado por nós, para a análise dos gradientes evolutivos e das mudanças decorrentes do trabalho analítico. O PRISMA reflete a nossa intenção de observar aspectos sob vários ângulos e nuances, como variações de cores em gradientes, movendo-se em direção àquelas intensidades que podem ser gradualmente compostas, integradas e transformadas.

Destacamos a relevância dos elementos qualitativos na descrição das categorias e na formulação das questões a serem consideradas em cada campo, como acontece na modulação dos vários níveis de funcionamento mental na constituição psíquica do sujeito. As perguntas partem das habilidades mais básicas até as mais avançadas.

A possibilidade de atribuição de cores às seis categorias (aludindo às cores em um prisma) permite que a gradação de intensidades nas manifestações seja facilmente visualizada em um perfil prismático, com efeito estético, além de mostrar nuances cromáticas de evolução ao longo de uma sequência de sessões.

Cada categoria, em suas descrições e questões, indica a partir de quais indagações exploratórias propomos que ela seja avaliada, levando-se em consideração o registro escrito dos atendimentos.

Apresentamos aqui, ao final do artigo, o PRISMA de *corpo inteiro*, tal como ele tem sido utilizado por nós nesse momento de refinamento do instrumento em constantes reorientações a partir de consultorias clínicas e estatísticas. Valorizamos os aspectos qualitativos (Denzin & Lincoln, 1988/1994), interpretativos temáticos e da teoria baseada em dados (*Grounded Theory*), com ênfase nas recorrentes discussões clínicas propiciadas pelo processo dinâmico de construção e de desenvolvimento deste protocolo (Rustin, 2019).

As evoluções de Laurinha são aqui ilustradas em resposta a cada item e categoria ao longo de quatro momentos: início do trabalho analítico, depois de um ano, depois de um ano e meio de atendimento e após 13 anos de continuidade do trabalho (sessões pontuadas por avaliadores independentes). Ressaltamos a possibilidade de evolução já dentro do primeiro período de intervenção, ao longo dos primeiros 18 meses de análise, e a continuidade do progresso no registro prismático de *follow up* durante a adolescência.

Em nossas atividades de ensino, divulgação em congressos e publicações nacionais/internacionais, são diversos os usos do PRISMA, por exemplo, para

embasar e instigar profundas discussões clínicas em microscopia, para localizar e monitorar a evolução dos aspectos primitivos do funcionamento psíquico em crianças, adolescentes ou adultos, para acompanhar a evolução psíquica em crianças com dificuldades de subjetivação ou para acompanhar paralelos longitudinais entre os aspectos psíquicos da criança para o adulto no mesmo paciente. O protocolo pode também ser utilizado para facilitar e promover intercâmbios clínico-conceituais entre abordagens psicanalíticas vinculadas a diferentes matizes teóricos, assim como para servir de base de reflexão e referência para analistas, equipes terapêuticas, conversas com pais ou instituições, apresentando perfis prismáticos para a sua visualização. Nossas publicações detalham os recursos técnicos/ferramentas clínicas que, conforme ilustrado aqui com Laurinha, expandem criativamente o nosso acesso aos aspectos primitivos da mente, vitalizando, convocando, investindo, subjetivando, oferecendo uma mente pensante e continente, ao mesmo tempo em que ampliam a capacidade associativa, lúdica e onírica em nosso trabalho com os pacientes.

Considerações finais: o PRISMA como instrumento potencial

Com esse trabalho, pretendemos demonstrar a utilização do PRISMA como um instrumento potencial para acompanhar mudanças e mapear o desenvolvimento psíquico, destacando os matizes incipientes do desenvolvimento, áreas de competência, limitações e indicação para investimentos (Lisondo et al., 2017 a, b, c, d e 2018).

Esperamos que o presente trabalho contribua para a prática clínica psicanalítica contemporânea e permita o aprofundamento conceitual dos estados primitivos da mente, promovendo reflexões sobre as integrações fecundas entre sensorialidade/desenvolvimento simbólico, corpo/psiquismo, mente rudimentar/mente expandida e clínica e pesquisa.

O uso de instrumentos psicanalíticos específicos, que nos distinguem e nos identificam como ciência e forma de conhecimento, tais como a transferência e a contratransferência, a ênfase nos laços e na experiência afetiva, a busca do desconhecido e por aquilo que clama por se comunicar, mesmo que de forma rudimentar, presentes na relação com o paciente e sua família, mobilizam-nos nesse fascinante campo da clínica. Somos, portanto, convidados a revisitar, abandonar ou transformar o que já é conhecido, assim como a explorar criativamente novas dimensões.

Laurinha em perfil prismático

Ilustramos a seguir como ocorre a utilização do nosso protocolo, pela pontuação do mesmo no que se refere aos atendimentos de Laurinha aos 3 anos e 6 meses, quando iniciou sua análise, e decorridos 12 e 18 meses de atendimento. A última coluna da direita (das 4 que apresentamos) representa o momento em que Laurinha, que continua com a sua análise, já é uma adolescente (13 anos de atendimento).

Seja na apresentação preferencial colorida do protocolo, em matizes cromáticas com possibilidade de visualização das categorias em cores diferentes e em intensificações da cor demonstrando a evolução, seja nesta versão em gradações do branco ao preto, passando por matizes de cinza, pode-se perceber o desenvolvimento propiciado pelo atendimento psicanalítico de Laurinha. Optamos pela apresentação em gradações de cinza pela facilidade de reprodução gráfica².

Os processos criativos de Laurinha, juntamente com os da sua analista e os do nosso grupo de pesquisa, são postos em prática para divulgar todo o potencial que a psicanálise nos oferece.

² N.R.: A versão on-line deste trabalho apresenta o perfil prismático colorido.

Fátima Maria Vieira Batistelli et al.

PRISMA: Protocolo de Investigação Psicanalítica de Sinais de Mudança no Autismo IDENTIFICAÇÃO: Laurinha IDADE INICIAL: 3 anos e 6 meses 0 Não 1 Sim, mas de maneira leve ou pouco frequente 2 Sim, de maneira acentuada e frequente N/A Sem elementos para se observar na sessão	SESSÃO 1 – Início de análise	SESSÃO 2 – 1 ano de análise	SESSÃO 3 – 1 ano e meio de análise	SESSÃO 4 – 13 anos de análise
A – Senso de Interesse em Pessoas e Objetos Essa categoria corresponde ao interesse por pessoas e objetos (animados e inanimados) e capacidade de diferenciá-los. Procura investigar como se estabelece a relação com o outro, se há busca de contato, mesmo que de maneira rudimentar e demonstração de percepção, mesmo que vaga, de uma presença externa. Verifica se o paciente demonstra atenção aos convites do analista para o contato e se responde a ações, falas, gestos do analista mesmo não se relacionando diretamente com ele (por exemplo: sorri quando o analista intervém, mesmo sem lhe dirigir o olhar; inclui o outro em seu campo de visão). Investiga também se demonstra já ter desenvolvido os elementos precursores da possibilidade de se relacionar, como por exemplo a capacidade imitativa em sua função estruturante inicial, a possibilidade de diferenciar o outro de um prolongamento de si, não utilizando partes do outro como instrumento e a possibilidade de sustentação do contato de forma intencional e diversificada. A ênfase desta categoria está nas capacidades incipientes para se relacionar.	0,80	1,00	1,00	2,00
1) Nota a presença do analista?	1	1	1	2
2) Demonstra atenção e interesse por aspectos animados (com vida) nas brincadeiras ou contatos com o analista?	1	1	1	2
3) Estão presentes manifestações de capacidade imitativa?	1	1	1	NA
4) Inicia/busca contato com o analista (como alguém diferenciado)?	1	1	1	2
5) Sustenta/mantém o contato com o analista e/ou objetos?	0	1	1	2

Criatividade da clínica psicanalítica com estados primitivos: contribuições do PRISMA para a ...

PRISMA: Protocolo de Investigação Psicanalítica de Sinais de Mudança no Autismo IDENTIFICAÇÃO: Laurinha IDADE INICIAL: 3 anos e 6 meses 0 Não 1 Sim, mas de maneira leve ou pouco frequente 2 Sim, de maneira acentuada e frequente N/A Sem elementos para se observar na sessão	SESSÃO 1 – Início de análise	SESSÃO 2 – 1 ano de análise	SESSÃO 3 – 1 ano e meio de análise	SESSÃO 4 – 13 anos de análise
B – Interação Compartilhada Esta categoria abrange os gradientes rumo ao estabelecimento de relação afetiva com o analista, considerando a capacidade de se comunicar reconhecendo a existência de si e do outro e a consciência de estados emocionais. Inclui o contato face a face, a qualidade do olhar e se o olhar é utilizado como busca de aproximação e comunicação (diferente do olhar oblíquo, fugidío, evitativo, ou “que atravessa”). Considera a capacidade de convocar o analista para a interação, despertando sua atenção ou interesse com olhares, expressões verbais ou gestuais (por exemplo, apontando). Avalia também se o paciente dirige a atenção para algo que o analista está olhando, percebendo, escutando, compartilhando este interesse que passa então a ser comum. Investiga se demonstra expectativa, surpresa e se há sinais de reciprocidade social, que pode ser observada nas trocas interativas em turnos (esperar até o outro responder para continuar a interação). A ênfase desta categoria é no contato interno com um repertório interativo e sua utilização interpessoal.				1,60
	0,40	1,00	1,00	
1) Faz contato de olhar face a face?	0	1	1	0
2) Espera que o analista responda para continuar a interação?	0	1	1	2
3) Se oferece como alvo de atenção, convocando o analista por meio de expressões gestuais/verbais?	1	1	1	2
4) Compartilha atenção com o analista, indicando e/ou notando algo indicado por ele?	1	1	1	2
5) Compartilha estados emocionais com o analista?	0	1	1	2

Fátima Maria Vieira Batistelli et al.

PRISMA: Protocolo de Investigação Psicanalítica de Sinais de Mudança no Autismo IDENTIFICAÇÃO: Laurinha IDADE INICIAL: 3 anos e 6 meses 0 Não 1 Sim, mas de maneira leve ou pouco frequente 2 Sim, de maneira acentuada e frequente N/A Sem elementos para se observar na sessão	SESSÃO 1 – Início de análise	SESSÃO 2 – 1 ano de análise	SESSÃO 3 – 1 ano e meio de análise	SESSÃO 4 – 13 anos de análise
C – Integração Sensorial Esta categoria investiga as vias para a promoção da consensualidade, ou seja, a integração dos diversos sentidos (visão, audição, paladar, tato, olfato, sensação de temperatura, percepção de processos físicos internos). No autismo, frente à invasão por tantas sensações, pode-se recorrer ao desmantelamento sensorial, em que diferentes áreas da sensorialidade são ativadas de maneira repetida e isolada. Quando uma área é ativada, as outras podem não ser sentidas. A integração de diferentes órgãos dos sentidos ao mesmo tempo progride gradativamente, configurando a experiência de consensualidade. É importante observar se manifestações sensoriais ritualísticas e indiscriminadas (interesse repetido pelo cheiro, textura, movimento, som, cor, forma) abrem espaço para a transformação de eventos físicos em experiências emocionais, por meio de expressões corporais/faciais, gestuais, lúdicas, gráficas, e verbais, mesmo que de forma rudimentar. A capacidade de assimilar atribuições de sentido oferecidas pelo analista contribui para estas transformações.	1,00	1,00	1,20	2,00
1) Explora o ambiente para além das manifestações sensoriais centradas no próprio corpo?	1	1	1	2
2) Utiliza brinquedos ou objetos com função e sentido para além de um uso sensorial?	1	1	2	NA
3) Tenta comunicar estados internos (físicos e/ou emocionais)?	1	1	1	2
4) Reage aos comentários do analista, mudando/reduzindo ou integrando novas percepções à sua exploração sensorial?	1	1	1	2
5) Relaciona-se com o analista de forma variada sem utilizar-se de manifestações sensoriais automáticas/ritualizadas?	1	1	1	2

Criatividade da clínica psicanalítica com estados primitivos: contribuições do PRISMA para a ...

PRISMA: Protocolo de Investigação Psicanalítica de Sinais de Mudança no Autismo IDENTIFICAÇÃO: Laurinha IDADE INICIAL: 3 anos e 6 meses 0 Não 1 Sim, mas de maneira leve ou pouco frequente 2 Sim, de maneira acentuada e frequente N/A Sem elementos para se observar na sessão	SESSÃO 1 – Início análise	SESSÃO 2 – 1 ano de análise	SESSÃO 3 – 1 ano e meio de análise	SESSÃO 4 – 13 anos de análise
D – Constituição do Espaço Interno Esta categoria refere-se à capacidade de continência emocional com noção de espaços internos e individuação, levando à redução da necessidade de descarga por meio de ações. Avalia a condição de suportar a alternância entre presença e ausência, entre tempo e espaço em sua multidimensionalidade (com perspectivas para além do imediato), reconhecer dentro e fora, e expandir a capacidade de discriminação eu-outro. A tolerância a mudanças, separações e distanciamentos indica a presença de representações internas que substituem a falta, promovendo a elaboração psíquica diante de separações. Investiga-se a capacidade de manter e conter experiências emocionais sem a necessidade de descargas ou transbordamentos constantes. Avalia também se o paciente consegue reduzir seus estados de desespero e permitir que eles sejam consoláveis (por exemplo se sua expressão facial demonstra capacidade de esperar, antecipar ou imaginar algo), se expressa e modula estados emocionais. Esta categoria considera se há reconhecimento e indicação de preferências, com comunicação ao analista de aspectos/eventos objetivos ou subjetivos de conteúdo social, emocional ou imaginativo, por meio de movimentos corporais, brincadeiras, narrativa verbal ou gráfica e se percebe a si mesmo como alguém singular e diferenciado (por exemplo, por meio de ações e maneiras de referir-se a si mesmo).				2,00
	0,80	1,00	1,00	
1) Explora espaços internos (por exemplo, caixas, gavetas, buracos, fazendo movimentos de entrar e sair, por e tirar)?	1	1	1	2
2) Tolerar mudanças ou separações?	1	1	1	2
3) Põe em prática suas intenções, escolhas ou ideias?	1	1	1	2
4) Expressa algo sobre suas próprias características ou experiências pessoais?	1	1	1	2
5) Refere-se a si mesmo como “eu”?	0	1	1	2

Fátima Maria Vieira Batistelli et al.

PRISMA: Protocolo de Investigação Psicanalítica de Sinais de Mudança no Autismo IDENTIFICAÇÃO: Laurinha IDADE INICIAL: 3 anos e 6 meses 0 Não 1 Sim, mas de maneira leve ou pouco frequente 2 Sim, de maneira acentuada e frequente N/A Sem elementos para se observar na sessão	SESSÃO 1 – Início análise	SESSÃO 2 – 1 ano de análise	SESSÃO 3 – 1 ano e meio de análise	SESSÃO 4 – 13 anos de análise
E – Capacidade Simbólica A capacidade simbólica relaciona-se à possibilidade de representar objetos e, consequentemente, à condição de processar internamente experiências emocionais e expressá-las em códigos compartilhados. Isso ocorre dentro de um contínuo que vai desde os elementos mais concretos, isto é, praticamente idênticos aos objetos originais, até níveis bastante elaborados de abstração, em que os símbolos têm características diferentes em relação ao objeto que representam. A comunicação interna e externa por meio de símbolos é a base para o pensamento verbal. Todas essas nuances podem ser observadas na atividade lúdica, inicialmente ligada ao uso concreto do próprio corpo, brinquedos e objetos, a partir de gestos, comunicações sonoras, passando pelos jogos exploratórios (como de esconde/achou), até atividades de “faz de conta”, cenas mais elaboradas, palavras ou escrita. As atividades gráficas também nos permitem acompanhar esse desenvolvimento, desde ações e descargas motoras, passando por garatujas até o surgimento de figuras humanas, representações de vivências emocionais e cenas mais complexas. A possibilidade de se dedicar a narrativas verbais ou escritas, valendo-se de humor, linguagem metafórica e demonstrações de traquejo social, expressa um nível muito bom de desenvolvimento. O surgimento da escrita anuncia uma condição mais desenvolvida. Quando ocorrem manifestações espontâneas de repertório construído com o analista ou com outra pessoa de seu relacionamento ou quando o que é representado vem do próprio ambiente sociocultural, sinaliza-se mais claramente o desenvolvimento da capacidade simbólica.	1,00	1,00	1,00	2,00
1) Utiliza a fala (com função comunicativa)?	1	1	1	2
2) Demonstra iniciativa para o brincar e/ou conversa espontâneos?	1	1	1	NA
3) Utiliza a expressão gráfica?	NA	NA	NA	NA
4) Constrói cenas ou pequenas narrativas com o analista, mesmo que sejam expressões rudimentares de sua própria experiência?	1	1	1	2
5) Utiliza e compartilha o repertório dos grupos e culturas a que pertence?	1	1	1	2

Criatividade da clínica psicanalítica com estados primitivos: contribuições do PRISMA para a ...

PRISMA: Protocolo de Investigação Psicanalítica de Sinais de Mudança no Autismo IDENTIFICAÇÃO: Laurinha IDADE INICIAL: 3 anos e 6 meses 0 Não 1 Sim, mas de maneira leve ou pouco frequente 2 Sim, de maneira acentuada e frequente N/A Sem elementos para se observar na sessão	SESSÃO 1 – Início de análise	SESSÃO 2 – 1 ano de análise	SESSÃO 3 – 1 ano e meio de análise	SESSÃO 4 – 13 anos de análise
				2,00
F – Campo Transferencial Esta categoria envolve todos os movimentos (impulsos, sensações, impressões, fantasias, sentimentos) desde os mais primitivos aos mais relacionais, que circulam entre analista e paciente. Aspectos internos, configurações vivenciais, modalidades de contato, são dirigidas/transferidas pelo paciente ao campo analítico e re-experimentadas no contato com o analista. O que se transporta para o campo analítico, correspondendo a vários níveis de funcionamento mental, inclui desde movimentos rudimentares, com descargas e tendências à não diferenciação eu-outro, passando por movimentos projetivos massivos, até movimentos mais relacionais que levam em conta qualidades subjetivas e realidades psíquicas do outro. O clima da sessão reflete trânsitos emocionais, desde ressonâncias no analista às sensações evocadas pelo paciente (como por exemplo desânimo, desvitalização, sensação de não existência, reações corporais de sonolência, cansaço, apatia, impossibilidade de narrar a sessão, impotência, sensação de bombardeamento – mais primitivos enquanto relacionabilidade) até movimentos de qualidade mais consistente, devaneios, imagens oníricas, envolvendo variabilidade, fluência e dinamismo relacional. O analista, por meio da contratransferência, do impacto emocional diante do que é transferido ao campo, acolhe em espaço interno por ressonância e transformação, elementos muitas vezes de qualidade sensorial, que podem se tornar registros compartilháveis pela comunicação (verbal e não verbal), interação lúdica, analogias e associações metafóricas. O clima analítico por excelência é aquele que, ao conter as experiências emocionais do campo transferencial, promove o desenvolvimento da dupla, possibilitando que as conquistas alcançadas no trabalho analítico continuem a se expandir no cotidiano do paciente.	1,00	1,00	1,00	
1) O paciente manifesta suas demandas com expectativa de que haja receptividade?	1	1	1	2
2) Interessa-se pelas reações do analista ao contato consigo?	1	1	1	2
3) Ocorrem ao analista associações ou lembranças?	1	1	1	2
4) Há vitalidade na relação do paciente com o analista em vez de imobilização ou desvitalização?	1	1	1	2
5) São descritos momentos de encontro e sintonia afetiva entre paciente e analista?	1	1	1	2

Abstract

Creativity of the psychoanalytic clinic with primitive states: contributions of PRISMA to the exploration of psychic changes in childhood and adolescence

Starting from the clinical work, with its nuances and particularities, and moving on to the extended field of investigation, in this paper we intend to contribute to the development of the psychoanalytic approach regarding the primitive states of mind, emphasizing the aspect of creativity within the analyst-patient relationship, patient's development, analyst's resources, and the clinical instruments that emerge from such practice. Guiding us throughout the article, Little Laurel, an autistic girl who has been attending sessions since she was 3 and a half years old, expands her creative resources within the analytical relationship. Little Laurel was one of the patients who inspired us to create PRISMA, a psychoanalytic clinical instrument. The Protocol of Psychoanalytic Investigation of Signs Mapping Change in Autism was devised as a possibility to map out the development of primitive states of mind, considering the following categories: Sense of Interest in People and Objects, Shared Interaction, Sensory Integration, Constitution of the Internal Space, Symbolic Capacity, and Transference Field, from rudimentary movements to possibilities of integration and expression of singularity. In this clinical/research interface, we believe to be possible to demonstrate to the community the effectiveness of psychoanalytic treatment to promote psychic changes and favour creativity.

Keywords: Creativity; Child psychoanalysis; Psychoanalytical research; Autism; Primitive states of mind

Resumen

Creatividad de la clínica psicoanalítica con estados primitivos: las contribuciones de PRISMA a la exploración de los cambios psíquicos en la infancia y la adolescencia

Desde el *cuerpo* de la Clínica, con sus matices y particularidades, al campo ampliado de investigación, buscamos, en este trabajo, contribuir al desarrollo del abordaje psicoanalítico de los estados primitivos de la mente, enfatizando el aspecto de la creatividad en la relación analista-paciente, en el desarrollo del paciente, en los recursos de la analista y en los instrumentos clínicos que surgen

de esta práctica, constituyendo recursos creativos en la relación analítica. Quien nos conduce a lo largo del artículo es Laurinha, una niña con autismo que, desde los 3 años y 6 meses en tratamiento, expande sus recursos creativos en la relación analítica. Fueron pacientes como Laurinha quienes nos inspiraron a crear PRISMA, una herramienta clínica psicoanalítica. Con la posibilidad de mapear la evolución de estados mentales primitivos, se elaboró el Protocolo de Investigación Psicoanalítica de Signos de Cambio en el Autismo con base en las siguientes categorías: Sentido de Interés en Personas y Objetos, Interacción Compartida, Integración Sensorial, Constitución del Espacio Interno, Capacidad Simbólica y Campo Transferencial, desde los movimientos más rudimentarios hasta las posibilidades de integración y expresión de la singularidad. A través de esta interfaz clínica/investigación, creemos que es posible demostrar a la comunidad la efectividad del tratamiento psicoanalítico para promover cambios psíquicos y fomentar la creatividad.

Palabras clave: Creatividad; Psicoanálisis con niños; Investigación psicoanalítica; Autismo; Estados mentales primitivos

Referências

- Batistelli, F.V., & Amorim, M.L.G. (Orgs.) (2014). *Atendimento psicanalítico do autismo*. São Paulo: Zagodoni.
- Bion, W.R. (1967). Notes on memory and desire. In *The Psychoanalytic Forum*, Vol. 11, n 3.
- Bion, W.R. (1977). Caesura. In *Two papers, the grid and the caesura*. Rio de Janeiro: Imago.
- Bion, W.R. (1987). Clinical Seminars and Four Papers, (Edited by F.Bion). Abingdon: Fleetwood Press. (Reprinted in Clinical Seminars and Other Works. London: Karnac Books, 1994)
- Bion, W.R. (2018). *El seminario de Wilfred Bion en París, julio de 1978*, Ed. Biebel, López Corvo, R., y Morabito L., (Eds.)
- Denzin, N.K. & Lincoln, Y.S. (1994). *Handbook of qualitative research*. Thousand Oaks, CA: Sage. (Trabalho original publicado em 1988)
- Freud, S. (1972). Escritores criativos e devaneio. In *Edição standard das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Vol. IX. R. de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1908)
- Klein, M. (1981). O luto e sua relação com os estados maníaco-depressivos. In Klein, M. *Contribuições à psicanálise*. São Paulo: Mestre Jou. (Trabalho original publicado em 1940)
- Lisondo, A.B.D., Batistelli, F.M.V., Silva, M.C.P., Amorim, M.L.G., França, M.T.B., Monteiro, M.L., Mendes de Almeida, M., Coimbra, R.E.L. (2018). *Psicoanálisis de niños con autismo*. Rio de Janeiro: Europa.

Fátima Maria Vieira Batistelli et al.

- Lisondo, A.B.D., Batistelli, F.M.V., Silva, M.C.P., Amorim, M.L.G., França, M.T.B., Monteiro, M.L., Mendes de Almeida, M., Coimbra, R.E.L. (2017a). Protocolo PRISMA: do cotidiano da clínica a um instrumento de pesquisa. *Correio da APPOA*, 266, junho 2017. Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.
- Lisondo, A.B.D., Batistelli, F.M.V., Silva, M.C.P., Amorim, M.L.G., França, M.T.B., Monteiro, M.L., Mendes de Almeida, M., Coimbra, R.E.L. (2017b). Clínica e pesquisa em psicanálise: apresentando o PRISMA. Protocolo De Investigação Psicanalítica de Sinais de Mudança em Autismo. *Revista de Psicanálise: Reverie*, 10(1), 165-189.
- Lisondo, A.B.D., Batistelli, F.M.V., Silva, M.C.P., Amorim, M.L.G., França, M.T.B., Monteiro, M.L., Mendes de Almeida, M., Coimbra, R.E.L. (2017c). Investigación psicoanalítica y cambios en el autismo: presentando el PRISMA (Protocolo de Investigación Psicoanalítica de Señales de Cambios en Autismo). *Revista Escoltant i pensant els autismes (Eipea)*, (3), 24-29.
- Lisondo, A.B.D., Batistelli, F.M.V., Silva, M.C.P., Amorim, M.L.G., França, M.T.B., Monteiro, M.L., Mendes de Almeida, M., Coimbra, R.E.L. (2017d). Sinais de mudança em autismo: PRISMA, um instrumento de pesquisa. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 51(4), 225-244.
- Rodman, R. (Org.) (1990). *O gesto espontâneo – cartas selecionadas de D.W. Winnicott*. Trad. de L. Borges. São Paulo: Martins Fontes.
- Rustin, M. (2019). *Researching the unconscious*. London, New York: Routledge.
- Tustin, F. (1990). A natureza do autismo psicogênico: uma revisão. In *Barreiras autistas em pacientes neuróticos*. Porto Alegre: Artes Médicas. (Trabalho original publicado em 1986)
- Winnicott, D.W. (2019). O brincar: uma exposição teórica. In *O brincar e a realidade*. São Paulo: UBU Editora. (Trabalho original publicado em 1971)

Recebido em 18/05/2021

Aceito em 12/07/2021

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**
Revisão técnica de **Cristiano Freitas Frank**

Alicia Beatriz Dorado de Lisondo
Rua Paraguaçu, 174
05006-010 – São Paulo, SP – Brasil
alicia.beatriz.lisondo@gmail.com

Mariângela Mendes de Almeida
Rua Escobar Ortiz, 628
04512-051 – São Paulo, SP – Brasil
mamendesa@hotmail.com

Fátima Maria Vieira Batistelli

Rua Artur de Azevedo, 243
05404-010 – São Paulo, SP – Brasil
fvbatistelli@gmail.com

Maria Cecília Pereira da Silva

Rua Cristiano Viana, 401/407
05411-000 – São Paulo, SP – Brasil
mcpsilv@gmail.com

Maria Lúcia Gomes de Amorim

Rua Estevão de Almeida, 30
05014 –100 – São Paulo, SP – Brasil
marialucia.g.amorim@gmail.com

Maria Thereza de Barros França

Rua Nazaré Paulista, 231
05448-000 – São Paulo, SP – Brasil
mtherezafranca@gmail.com

Regina Elisabeth Lordello Coimbra

Rua Nazaré Paulista, 231
05448-000 – São Paulo, SP – Brasil
bethcoimbra07@gmail.com

Marisa Helena Leite Monteiro

Rua Jardim Botânico, 700/506
22461000 - Rio de Janeiro, RJ - Brasil
marisahelena.monteiro@gmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA